

Sofisticação crescente

JOSÉ CARVALHO DE NORONHA

A medida que as condições de saúde de um povo melhoram, aumentam suas necessidades de assistência médica. O paradoxo é apenas aparente. Os problemas que se associam com frequência à pobreza e são responsáveis por taxas de mortalidade infantil elevadas dependem primordialmente de ações sobre o meio ambiente para o seu controle ou erradicação, e quando exigem ações específicas de saúde, dispõe a medicina de técnicas eficazes seja para a sua prevenção, como as vacinas, seja para sua cura, como os antibióticos. As doenças que mais incidem nos países pobres e nas áreas mais pobres de países em desenvolvimento, são doenças infecciosas e parasitárias e as associadas à desnutrição. Para estas, quando eclodem pelas carências sociais, na maior parte dos casos, pouco se exige de medicina e de recursos assistenciais para sua cura.

Quando os modos de adoecer e morrer começam a modificar-se, quando a população pode viver um pouco mais, é sinal de que cada vez menos gente morre de diarreia, de fome e de pneumonia quando criança e cada vez mais gente morre de infarto, derrame, câncer, acidentes, mortes violentas. Cada vez mais pessoas chegam à idade avançada e os

problemas da velhice, com doenças múltiplas, diminuição da autonomia das pessoas, crescem. A possibilidade de curar uma doença quase que desaparece. O que é preciso agora é a assistência permanente, o cuidado contínuo e, com frequência cada vez maior, o recurso tecnológico mais recente para melhor diagnosticar ou tratar uma pessoa.

Com o crescimento acelerado dos grandes aglomerados urbanos, problemas decorrentes da violência urbana — acidentes de trânsito, violências físicas, transtornos mentais — adquirem predominância no quadro de doenças da população. Para contê-las os requisitos de reordenamento do modo de vida metropolitano permitem prever um longo período onde cuidados de emergência para o adequado tratamento do paciente traumatizado e recursos para o tratamento de pessoas acometidas de problemas mentais se farão necessários.

O Brasil de nossos dias é um pouco de tudo isto. A esperança de vida ao nascer já é superior aos 60 anos; chega aos 65 anos, vencido o primeiro ano de vida. As doenças do coração matam mais que as doenças infecciosas, os pobres morrem mais do coração do que os ricos. Entre as causas de morte no primeiro ano de vida, as chamadas causas perinatais, ligadas à gestação e às condições de

parto, estão à frente das demais. Os acidentes e violências estão em terceiro lugar como a causa de óbito. E as doenças infecciosas continuam ceifando vidas nos campos e nas periferias urbanas.

Como enfrentar? No âmbito específico da assistência médica, recursos sofisticados com elevado rendimento na sua utilização serão crescentemente necessários. A concentração de investimentos será inexorável, sobretudo se considerarmos a escassez de recursos do setor (40 dólares per capita de gasto público em saúde). Nas áreas metropolitanas, hospitais com elevado grau de sofisticação tecnológica e especialização serão cada vez mais requeridos.

Simultaneamente, assegurar a continuidade do cuidado à saúde, garantir o acompanhamento permanente e personalizado em uma sociedade que tende à desumanização, exigirá que por debaixo de hospitais de elevado conteúdo tecnológico se constitua, como base do sistema, uma rede disseminada de unidades de vizinhança, de posto de saúde que sejam, onde equipe de saúde e população, onde médico e cidadão possam se reconhecer mutuamente e se fazerem cúmplices na modificação dos fatores noxígenos de nosso país contemporâneo.